

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO

Volume 1
Edição 1
2018/1

ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS

HOSPITAL DE DOENÇAS TROPICAIS - 2017

Cenário

Editorial

Os acidentes por animais peçonhentos constituem um sério problema de saúde pública por conta de sua frequência e gravidade. Estes ocorrem principalmente com o aumento das atividades humanas no habitat desses animais como: construções próximas a matas, rios e florestas. O risco de acidentes, também aumenta de acordo com a sazonalidade, onde o período chuvoso representa a maioria dos acidentes por estes animais que buscam abrigo nessa época do ano. Desta forma as informações regionais e locais atualizadas são importantes para o desenvolvimento de ações de vigilância epidemiológica.

Acidentes por animais peçonhentos e, em particular, os acidentes ofídicos, foram incluídos, pela Organização Mundial da Saúde, na lista das doenças tropicais negligenciadas.

Em 2010, este agravo foi incluído na Lista de Notificação de Compulsória (LNC) do Brasil, publicada na Portaria Nº 2.472 de 31 de agosto de 2010 (ratificada na Portaria Nº 104, de 25 de janeiro de 2011), atualmente na portaria 204 de 17 de fevereiro de 2016.

Tais inclusões, se dão pela importância do agravo, que possui um alto número de notificações registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

No Brasil no ano de 2015 foram notificados 105.862 casos de acidente por animais peçonhentos segundo registros do sistema de informação de agravos de notificação (SINAN-DATASUS). Para o ano de 2016 e 2017 ainda não foram disponibilizados dados.

A Secretaria de Estado da Saúde de Goiás registrou, nos últimos dois anos, 9,4 mil ataques com animais peçonhentos, onde 20 evoluíram para óbito.

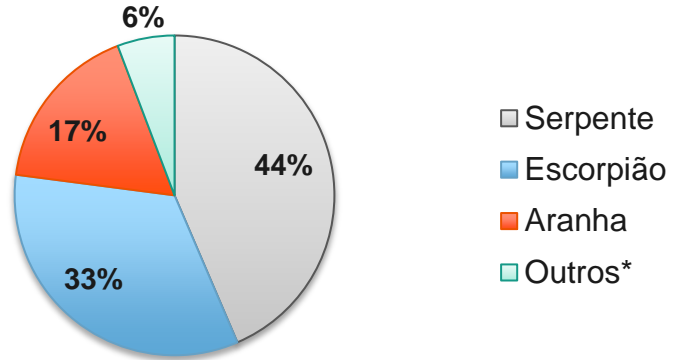
Dados internos do HDT demonstram que, acidentes com estes tipos de animais, foram motivo de internação de aproximadamente 30% dos pacientes admitidos no hospital no ano de 2017 e maior frequência entre os agravos notificados

Gráfico 1 – Acidentes por tipo de animal peçonhento



Definição de caso

Paciente com evidências clínicas compatíveis com envenenamento por animal peçonhento, com ou sem a identificação do animal causador do acidente.



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. *Outros= abelha, lacraia, formiga, etc.

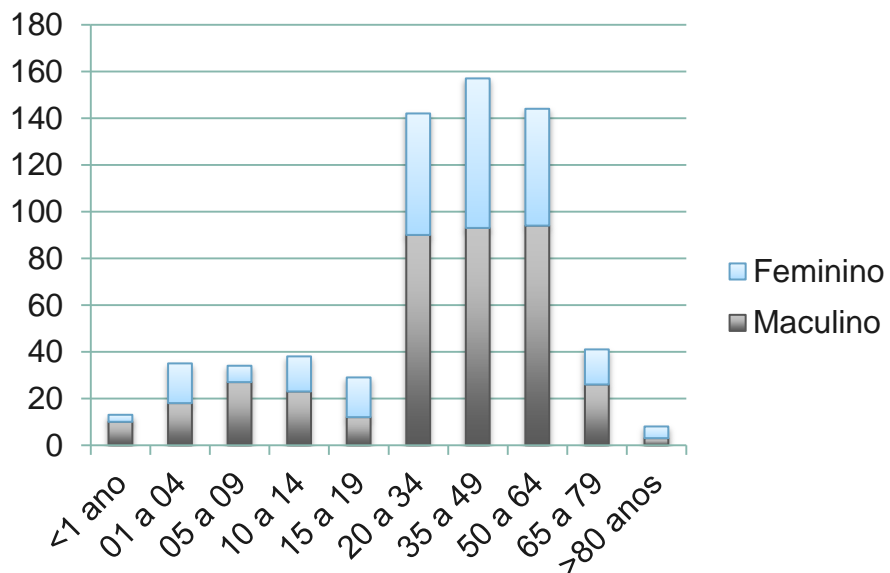
No ano de 2017, entre os 606 acidentes por animais peçonhentos notificados no HDT, as serpentes foram responsáveis por 264 acidentes, 203 casos foram ocasionados por escorpiões, 104 por aranhas e 29 casos por outros animais. Casos em branco ou ignorados corresponderam a 35 (5%) notificações que foram excluídas desse estudo.



Animais Peçonhentos

São aqueles que possuem glândulas produtoras de veneno ou substâncias tóxicas, além de aparelho especializado, por onde o veneno é inoculado.

Gráfico 2 - Incidência de acidente por gênero e faixa etária



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018.

Ao analisar o quantitativo de casos em relação ao gênero e a faixa etária, observa-se que o sexo masculino é o mais acometido, principalmente na faixa etária de 20 a 64 anos, fase economicamente ativa da população brasileira.

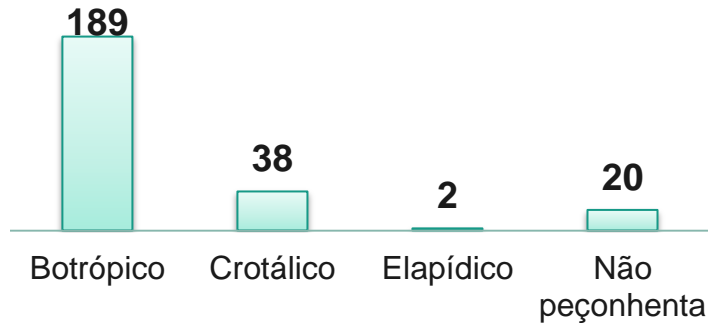
Acidentes ofídicos

É definido como o envenenamento causado pela inoculação de toxinas, através das presas de serpentes, podendo determinar alterações locais, na região da picada, e sistêmica.



No Brasil, quatro tipos de acidentes são considerados de interesse em saúde pública, classificados de acordo com o gênero da serpente envolvida: botrópico, crotálico, laquétrico e elapídico. Acidentes com serpentes não peçonhentas são relativamente frequentes, mas não determinam acidentes graves, na maioria dos casos, e, por isso são considerados de menor importância médica.

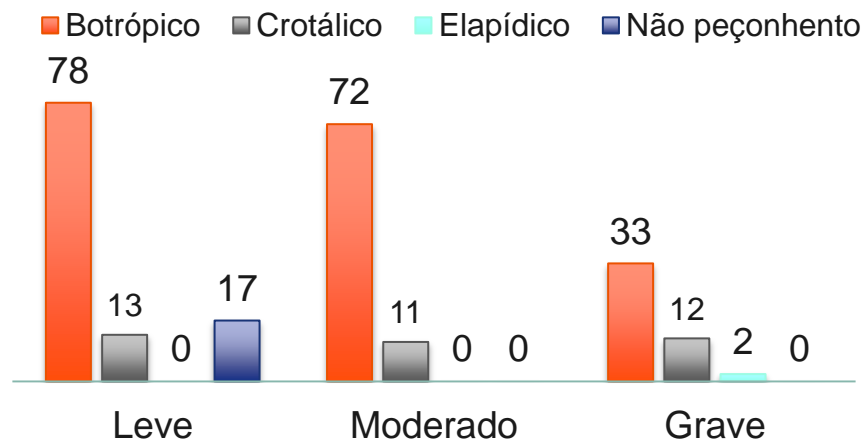
Gráfico 3 - Acidente ofídico segundo o gênero da serpente envolvida



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018.

A ocorrência de acidente ofídico, por gênero de serpente, mostra predomínio daqueles classificados como botrópicos (72%), seguido dos crotáticos (14%). As serpentes consideradas não peçonhentas foram responsáveis por 20 acidentes.

Gráfico 4 – Classificação dos casos de acidente ofídico quanto a gravidade



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

Quanto à classificação dos casos, nota-se que os graves representaram apenas 20% dos acidentes ofídicos notificados. Os casos moderados corresponderam a 35% e os leves a 45% do total. Os acidentes com serpentes do gênero crotálico, apesar de uma menor frequência, apresenta maior gravidade com 31,5% do total de casos de acidentes do gênero. quanto ao gênero botrópico, apresentou maior frequência, porém com 17,5% de evolução para casos graves.

Tabela 1 - Tempo entre a picada e o atendimento nos casos de acidente por serpentes

Tempo picada/ atendimento	Botrópico	Crotálico	Elapídico	Não peçonhenta
0 a 1 horas	9	3	0	7
1 a 3 horas	55	4	0	7
3 a 6 horas	47	10	2	3
6 a 12 horas	25	5	0	1
12 a 24 horas	28	6	0	1
24 e + horas	22	10	0	1

Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

O tempo entre a picada e o atendimento é um fator muito importante em relação ao prognóstico do paciente. É possível visualizar que 34,5% dos casos buscaram atendimento no período de 0 – 3 horas após o momento da picada. Em 27,5% dos casos de acidente ofídico, o atendimento ocorreu de forma tardia, acima de 12 horas após o acidente. Porém, na maioria dos casos ocorre atendimento prévio e administração de soro antiveneno antes do paciente ser referenciado ao HDT.

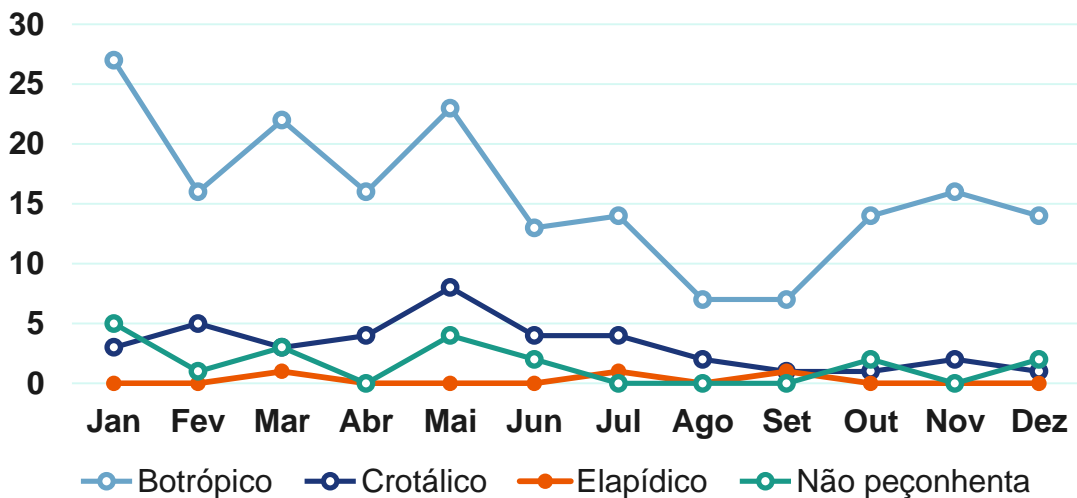
Tabela 2 - Local da picada segundo gênero de serpente

Local picada	Botrópico	Crotálico	Elapídico	Não Peçonhenta
Cabeça	3	3	0	0
Braço	3	4	0	0
Antebraço	2	0	0	0
Mão	19	2	0	3
Dedo da mão	20	1	0	2
Tronco	0	0	1	0
Coxa	1	0	0	0
Perna	46	12	0	5
Pé	70	11	1	8
Dedo do pé	24	5	0	2

Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018.

Com relação ao local da picada da serpente, onde as toxinas são inoculadas, as extremidades foram os locais de maior predominância, com 210 casos (85%), sendo 88% destes em pé e perna e 12% em mão e antebraço. Vale ressaltar que, a utilização de equipamentos individuais de proteção como sapatos, botas, luvas de couro e outros, poderia reduzir em grande parte esses acidentes.

Gráfico 5 – Incidência de acidente ofídico por mês de ocorrência



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

A distribuição de acidentes ofídicos, durante o ano de 2017, não ocorreu de maneira homogênea, verificando-se um incremento de casos nas épocas de calor e chuvas. Esta sazonalidade coincide com o período de maior atividade humana no campo. Os acidentes pelo gênero botrópico tem predominância no período chuvoso e o crotálico no período de seca, o que pode estar relacionado com os hábitos de cada serpente.



O reconhecimento dos períodos de maior risco, dado pela sazonalidade característica na ocorrência desses acidentes, tem importância não apenas para preparar os serviços e os profissionais de saúde para o aumento na demanda de casos, mas também para estabelecer estratégias de distribuição e controle dos estoques de antivenenos nos locais de atendimento, e fortalecer as ações de prevenção com atividades de educação em saúde.



Cobra cascavel
gênero *Crotalus*



Escorpião-amarelo



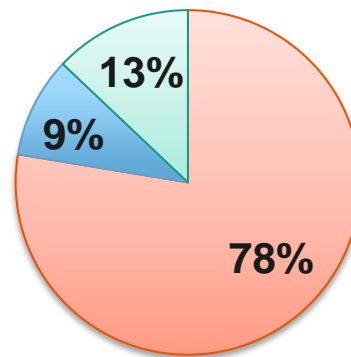
Aranha marrom
gênero *Loxosceles*



Lacraia

Gráfico 6 - Classificação dos casos de acidente escorpionicó

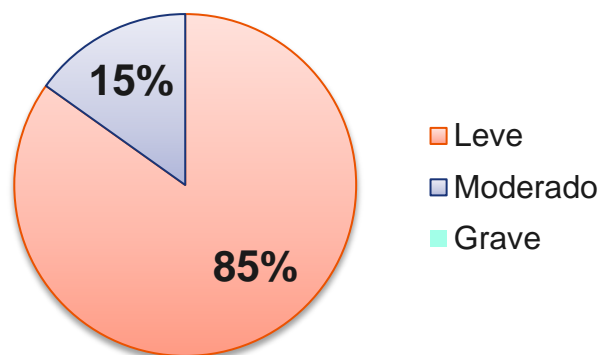
Leve Moderado Grave



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

A distribuição dos casos de escorpionismo no período estudado revela que os acidentes classificados como leves representaram maioria, 78% dos casos, seguido daqueles classificados como graves, representando 13% do total.

Gráfico 7 - Classificação dos casos de acidente por aranha



Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

Os acidentes com aranhas provocaram quadros clínicos menos graves, pois observa-se que a maioria dos casos de araneísmo notificados foram classificados como leve (85%).

Tabela 3 – Tipo de acidente com animais peçonhentos por evolução do caso

Evolução	Serpente	Aranha	Escorpião	Lagarta	Abelha
Cura	257	104	203	5	1
Óbito pelo agravo notificado	4	0	0	0	0

Fonte: SINANNET, dados atualizados em 05/01/2018. Obs: 5 % de notificações em branco ou ignoradas foram excluídas.

Dentre os 606 casos de acidente por animal peçonhento notificados no HDT em 2017, 570 (84%) evoluíram para a cura. Todos os quatro casos de óbito notificados foram decorrentes de acidentes ofídicos. A letalidade registrada no período foi de 1,7 %

PREVENÇÃO DE ACIDENTES E PRIMEIROS SOCORROS

- O uso de botas de cano alto ou perneira de couro, botinas e sapatos evita cerca de 80% dos acidentes;
- Cerca de 15% das picadas atinge mãos ou antebraços. Usar luvas de aparas de couro para manipular folhas secas, montes de lixo, lenha, palhas, etc. Não colocar as mãos em buracos;
- Cobras gostam de se abrigar em locais quentes, escuros e úmidos. Cuidado ao mexer em pilhas de lenha, palhadas de feijão, milho ou cana. Cuidado ao revirar cupinzeiros;
- Onde há rato há cobra. Limpar paióis e terreiros, não deixar amontoar lixo. Fechar buracos de muros e frestas de portas;
- Evitar acúmulo de lixo ou entulho, de pedras, tijolos, telhas, madeiras, bem como mato alto ao redor das casas, que atraem e abrigam pequenos animais que servem de alimentos às serpentes.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, J. G.; PEREIRA, L. I. A. **Manual Prático de Doenças Transmissíveis**. 7. ed. Goiânia: Edição do autor, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Diagnóstico e Tratamento de Acidentes por Animais Peçonhentos**. 2001. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/manu_peconhentos.pdf>. Acesso em 05 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **SINAN Web: Acidente por animais peçonhentos**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://portalsinan.saude.gov.br/acidente-por-animais-peconhentos>>. Acesso em 05 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Guia de vigilância epidemiológica**. 7 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Expediente

Boletim Epidemiológico do NHVE – HDT. Estado de Goiás, Secretaria de Estado da Saúde. Janeiro, 2018

Elaborado por

Fernando Marcello Nunes Pereira –
Nutricionista Residente do Núcleo de
Vigilância Epidemiológica do Hospital de
Doenças Tropicais – HDT

Bruna Menêzes Gonçalves –
Farmacêutica Residente do Núcleo de
Vigilância Epidemiológica do Hospital de
Doenças Tropicais – HDT

Revisado por

Jose Geraldo Gomes – Enfermeiro –
Coordenador do Núcleo de Vigilância
Epidemiológica do Hospital de Doenças
Tropicais – HDT

Aprovado por

Heloína Claret de Castro – Diretora
Técnica do Hospital de Doenças Tropicais -
HDT

Núcleo Hospitalar de Vigilância Epidemiológica

Hospital de Doenças Tropicais
Dr. Anuar Auad

Alameda Contorno, 3556 – Jardim Bela
Vista, Goiânia, Goiás

(62) 3201-3670

hdt.sve@saude.go.gov.br